

OLIMPIADAS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Ensino Secundário

1.ª Fase

Duração da prova: 90 minutos.

Data: 10 de março de 2017

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Escreva, de forma legível, a numeração dos grupos e dos itens, bem como as respetivas respostas. Todas as respostas devem ser registadas na folha de respostas.

Por cada item, apresente apenas uma resposta. Se escrever mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As respostas ilegíveis ou que não possam ser claramente identificadas são classificadas com zero pontos.

Para responder aos itens de escolha múltipla, escreva, na folha de respostas:

- o número do item;
- a letra que identifica a opção escolhida.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

A ortografia dos textos e de outros documentos segue o Acordo Ortográfico de 1990, devendo o mesmo ser respeitado na redação das respostas.

Grupo I

Leia o texto que abaixo se transcreve.

Ensinada desde os onze anos por uma exigente mestra alemã, Mónica nem sempre correspondia às expectativas.

1 De sobra sabia *Fräulein*¹ que eram plebeus enriquecidos os seus patrões. Mas não tinha nada com isso. O seu papel era urbanizar a lambisgoia da miúda, civilizá-la, e a tarefa, começada cedo, tinha andado bom caminho.

O senhor Afonso Ruas mandou pôr o *rocking-chair* na sala em que *Fräulein* erigira a
5 sua cátedra e quando as duas apareceram com livros e cadernos já ele lá estava, meditabundo, a *História Universal dos Terramotos* fechada sobre o dedo em guisa de registo. Com a entrada delas foi já de mente prazenteira que se preparou para assistir à lição da filha. Era esse um dos seus regalos, tanto monta que a matéria do dia fosse línguas, literatura ou até música. Noventa e nove vezes por cento ficava sem perceber
10 patavina, mas embora, contentava-se com o cantarolar da voz juvenil, os gestos e as atitudes duma representação de todo nova para ele que não conhecera mestre nem mestra.

A alemã erguia de tempos a tempos olhos para os seus, como a tomá-lo por testemunha, se não a pedir-lhe apoio ou aplauso. Não era positivo que semelhantes
15 olhares fossem a medir o poço sem fundo da sua ignorância. Mas se era, deixá-lo! O que lhe interessava era ver a menina a desfiar cambulhadas de palavras nunca ouvidas nem sonhadas, contar coisas do arco-da-velha acontecidas antigamente, lá para os tempos da Maria Castanha, botar mais ciência que um doutor.

– *Brekekekex, coax, coax*, que quer dizer então, *Monichen*²? – interrogava *Fräulein*,
20 venta no ar, em posição de batalha.

– As Rãs obedeciam a um propósito manifesto: fazer a apologia de Ésquilo em desprimor de Eurípedes³, cuja memória ia num crescendo de admiração entre os atenienses... – pronunciou Mónica em tom de recitativo.

– Está bem, mas que significa o *Brekekekex, coax, coax*? – tornou a mestra,
25 interrompendo-a.

Mónica quedou um instante perplexa, como se houvesse perdido o rumo, e rompeu adiante com desopressiva e cantante articulação:

– Puh, em meu juízo, não deve querer dizer nada. Vozes ao vento.

– Ora essa!

30 – Pois que poderá significar...? As rãs da lagoa Estígia⁴ entoam o seu *Brekekekex, coax, coax*; é esse o seu papel ou assim o entendem.

A alemã abria muito os olhos espantada. Mónica tornou, cabeça baixa, como se

¹ *Fräulein* (vocábulo alemão) – menina; senhora solteira.

² *Monichen* (vocábulo alemão) – diminutivo do nome Mónica.

³ Ésquilo e Eurípedes – tragediógrafos gregos do século V a.C..

⁴ Lagoa Estígia – lagoa das regiões infernais (mundo dos mortos).

procurasse o fio do discurso:

– Sem dúvida que o berreiro das rãs pode ser interpretado como uma sátira de Aristófan⁵ aos filósofos, políticos e oradores que levam a vida a rufar o seu tambor de charlatães; mas não será mais acertado admitir que se trata simplesmente dum episódio ocasional, dum certo efeito cénico, no caminho de Baco para os infernos?

*Sehr gut, sehr gut!*⁶ – exclamou a mestra quebrando resolutamente o seu assombro.

– E que pretendeu o dramaturgo demonstrar com a sua peça?

40 – Há uma tese. Quem tem mais direitos ao cetro da tragédia, Ésquilo ou Eurípedes? Ésquilo põe em cena as grandes e extraordinárias paixões; as suas personagens são todas de sangue real; vestem púrpura; falam uma linguagem pomposa, sempre com palavras de casco aurifúlgido; o seu propósito é ensinar o culto das virtudes guerreiras e os seus dramas estão do princípio ao fim imbuídos do espírito de Marte.

45 *Fräulein* não respirava sequer, boquiaberta, olhos assestados sobre a discípula.

– Eurípedes nasceu de facto duma deusa ordinária. As suas *dramatis personae*⁷ são toda a patuleia menor da Grécia, gladiadores, mendigos, gramáticos, soldados, escravos, a multidão numa palavra. Falam a língua que lhes é trivial; as mulheres praticam as virtudes e vícios de todas as mulheres. A farsa de Aristófan⁵, cheia de parcialidade, procurava elevar Ésquilo acima de Eurípedes e proclamar a sua realeza. E nada mais inconsistente. O que surge é a superioridade de Eurípedes, realista, permeável ao meio, ótimo realizador de histriões ao vivo, sobre Ésquilo, o gigantesco movimentador de almas imensas, ou como se diria com menos respeito, o genial botas-de-elástico.

55 – *Schlecht!*⁸ – bramiu *Fräulein* Rottenberg erguendo-se com ares de Minerva ofendida. – Que perversão é essa, *Monichen...*? Preferir a Ésquilo, autor da maior trilogia que nos legou a antiguidade clássica, essa divina Oréstia, o autor duma obra charra e plebeia? *Schlecht, schlecht!* O seu livro não diz isso!...

60 – Por acaso não está bem? Peço perdão, *Fräulein*, mas já lhe ouvi dizer que a arte não tem que apresentar certificado de origem. Também lhe ouvi, se não estou em erro, que não tem sexo e que quanto mais universal mais resiste ao tempo...

– Sim, mas o seu livro que diz?

– Se Ésquilo – voltou ela com desprante e fluência – é o poeta das paixões extraordinárias, e todos estão de acordo, Eurípedes é o dramaturgo que mais fundo levou o espéculo aos abismos do ser humano.

65 – *Schlecht!* Ésquilo é grande como um deus e puro como um diamante. A sua arte respira nobreza moral. Eurípedes, pelo contrário, pinta-nos com requinte os piores patifes e facínoras. *Schlecht!*

70 – Eurípedes – tornou ela, com vivacidade – é um escritor do nosso tempo. Não é arauto de virtudes, está dito. Por isso o consideramos atual, vivo, enquanto Ésquilo não passa duma divindade embalsamada.

– Oh, é o cúmulo! Onde leu isso, *Monichen...*? No seu livro, não, que é uma edição expurgada, corrigida das obscenidades tão correntes em Aristófan⁵, própria para meninos

⁵ Aristófan⁵ – comediógrafo grego do século V a.C..

⁶ *Sehr gut, sehr gut* (expressão em língua alemã) – muito bem, muito bem.

⁷ *Dramatis personae* (expressão em língua latina) – personagens das peças.

⁸ *Schlecht* (vocábulo alemão) – mal; falso.

e meninas. Onde leu isso? Isso não saiu da sua cabeça...Ná! Deixe ver que publicações são essas...

75 *Fräulein* Rottenberg, que afinal acabara por desconfiar daquela facúndia dialética, ergueu-se da cadeira e demoliu a pilha de livros que Mónica tinha à sua direita. Não, ali não estava a fonte do escândalo. E na pasta...?

Com desconchavada sem-cerimónia travou da pasta, ergueu-a de alto, boca para baixo como se faz aos afogados a fim de deitarem a água que beberam. Na praia-mar de 80 papel impresso gritou uma parangona: “As Rãs de Aristófanos”.

– Cá está! Lá me parecia que isso não era lição tirada da sua cabeça, mas sim trecho decorado de fio a pavio! Lá me parecia, ah! – exclamava ela radiante, a [revista] *Barca do Inferno* em riste. – *Schlecht!* Doravante, Mónica, quero que me consulte acerca das suas leituras. Ouviu? Revistas, livros, quero ver tudo antes. Ah, quem é o autor do artigo...?

85 Deixe ver... Ricardo Tavarede. É o Dr. Ricardo o autor desta monstruosidade? Está dito: daqui para o futuro as suas leituras passam pela mesa censória. Mas que mania foi essa: decorar o Dr. Tavarede!? Vamos à lição de alemão...

Aquilino Ribeiro, *Mónica*, Lisboa: Livraria Bertrand, 2006, pp. 42, 67- 69, 77- 84 (texto com supressões)

Para responder a cada um dos itens de 1 a 17, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

1. Na linha 2, “urbanizar a lambisgoia da miúda” significa:

- a. ajudar a jovem a instalar-se adequadamente na cidade.
- b. explicar à miúda as diferenças entre viver no campo e na cidade.
- c. apurar a educação da jovem.
- d. acompanhar a inexperiente miúda nos itinerários citadinos.

2. Afonso Ruas era um homem com:

- a. apreciável erudição literária e musical.
- b. mais ciência do que um doutor.
- c. algum conhecimento das artes dramáticas.
- d. parca instrução.

3. As lições de *Fräulein* Rottenberg a que o texto se refere versam sobre:

- a. língua grega e alemão.
- b. literatura grega e alemão.
- c. história grega e alemão.
- d. artes performativas e alemão.

4. Nesta aula, as respostas de Mónica alicerçam-se:

- a. na interpretação de textos por si escolhidos.
- b. na memorização de textos do livro de estudo.
- c. na reprodução literal de um texto de um periódico.
- d. no plágio de um texto selecionado pela mestra.

5. Ter “mais direitos ao cetro da tragédia” (linha 40) significa:

- a. merecer o direito a escolher a melhor tragédia.
- b. merecer o lugar cimeiro entre os tragediógrafos.
- c. merecer o privilégio de tomar nas mãos o símbolo da resistência ao poder real.
- d. usufruir do privilégio exclusivo de ser o tragediógrafo da casa real.

6. “Palavras de casco aurifúlgido” (linha 43) é sinónimo de:

- a. palavras endurecidas que ferem o ouvido.
- b. palavras que brilham como o ouro.
- c. palavras desgastadas pelo uso.
- d. palavras rijas como o ouro.

7. As palavras “olhos assestados sobre a discípula” (linha 45) revelam que a mestra:

- a. dirigia um olhar cansado para a sua discípula.
- b. dirigia para a discípula um olhar de assentimento.
- c. contemplava a aluna com olhos vultosos.
- d. dirigia determinadamente o olhar para a sua aluna.

8. Na linha 54, “bramiu” é sinónimo de:

- a. brandiu.
- b. sibilou.
- c. gesticulou.
- d. vociferou.

9. Afirmar que Eurípedes “levou o espéculo aos abismos do ser humano” (linhas 63-64) significa que o dramaturgo:

- a. deu às suas personagens um espelho para se observarem.
- b. observou o íntimo da natureza humana.
- c. colocou as suas personagens à beira de precipícios.
- d. especulou sobre as virtudes do ser humano.

10. Ao dizer que Eurípedes não “é arauto de virtudes” (linhas 68-69), Mónica pretende evidenciar que:

- a. a arte do comediógrafo não é expurgada de obscenidades.
- b. todas as personagens femininas por ele criadas só têm vícios.
- c. a nobreza moral não é o critério determinante na construção das suas personagens.
- d. esse tragediógrafo só pinta indigentes facínoras.

11. Na linha 75, “facúndia dialética” é sinónimo de:

- a. diversidade de publicações filosóficas.
- b. inépcia argumentativa.
- c. facilidade de construir um raciocínio argumentativo.
- d. parangona propícia a exercício dialético.

12. As palavras “trecho decorado de fio a pavio” (linhas 81-82) significam:

- a. texto cheio de recursos estilísticos do princípio ao fim.
- b. texto memorizado à luz da vela.
- c. excerto memorizado do princípio ao fim.
- d. volume encadernado com fio de linho.

13. Na linha 86, a expressão “mesa censória” designa:

- a. o tribunal da comarca.
- b. o arbítrio da mestra.
- c. o arbítrio de Afonso Ruas.
- d. o arbítrio dos supervisores da administração escolar.

14. A forma verbal “fossem” (linha 15) encontra-se no:

- a. pretérito imperfeito do indicativo do verbo ser.
- b. pretérito imperfeito do indicativo do verbo ir.
- c. pretérito imperfeito do conjuntivo do verbo ir.
- d. pretérito imperfeito do conjuntivo do verbo ser.

15. A pronominalização dos segmentos sublinhados em “era ver a menina a desfiar cambulhadas de palavras” (linha 16) é:

- a. era vê-la a desfiá-las.
- b. era vê-la a desfiar-lhas.
- c. era a ver a desfiá-las.
- d. era ver-lhe a desfiá-las.

16. A função sintática de “de palavras” (linha 16) é:

- a. modificador restritivo do nome.
- b. predicativo do complemento direto.
- c. modificador apositivo do nome.
- d. complemento do nome.

17. Nas linhas 35-36, “que levam a vida a rufar o seu tambor de charlatães” é uma oração subordinada:

- a. adjetiva relativa explicativa.
- b. substantiva relativa.
- c. completiva.
- d. adjetiva relativa restritiva.

Grupo II

Leia o texto a seguir transcrito.

Descendo aos infernos, o mundo dos mortos, em busca de um dramaturgo competente, o deus Dioniso atravessa a lagoa Estígia, remando na barca de Caronte. Durante o percurso, ouve-se a voz das rãs, invisíveis.

- 1 Caronte – Finca-me esses pés e toca a remar. Força!
Dioniso – A remar? Um sujeito como eu, que de experiência tem zero, que do mar não sabe nada! Como posso eu remar?
Caronte – Não tem nada que saber. Vais ouvir um canto maravilhoso, mal pegues nos
- 5 remos. É logo!
Dioniso – De quem?
Caronte – Das rãs-cisnes, um verdadeiro prodígio.
Dioniso – Bom, dá lá o sinal.
Caronte – U-up! U-up! U-up! (Enquanto o barco avança, faz-se ouvir um coro de rãs).
- 10 Rãs – *Brekekekex, coax, coax! Brekekekex, coax, coax!* Filhas lacustres das nascentes, entoemos, ao som da flauta, o clamor dos nossos hinos, a doçura do nosso canto, *coax, coax*, que em honra de Dioniso Niseu, filho de Zeus, lá nos pântanos, nós cantamos, quando, na euforia do festim, avança, para o meu santuário, o povo em multidão. *Brekekekex, coax, coax!*
(...)
- 15 Dioniso – E vocês raladas!
Rãs – *Brekekekex, coax, coax!*
Dioniso – (...) Não sabem outra senão *coax!*
Rãs (redobrando de intensidade no coaxar) – E com muita honra, ouviste, ó tu que metes o bedelho onde não és chamado! Por isso gozo da estima das Musas de belas liras, e de Pã
- 20 de pés de cabra, que se delicia com o toque da flauta. Mais ainda, sou os encantos de Apolo, o citarista, graças ao canavial que sustento, nos pântanos, para a construção da sua lira. *Brekekekex, coax, coax!*
Dioniso (de novo impaciente) – E a mim bolhas não me faltam (...) ...
Rãs – *Brekekekex, coax, coax!*
- 25 Dioniso – Caramba, ó raça dada ao canto, acabem lá com isso!
Rãs – Qual quê?! É mais alto ainda que vamos cantar, nós que, em dias claros de sol, saltamos por entre junças e juncos, felizes com as melodias que entoamos misturadas de mergulhos sem fim; ou que, para escaparmos à chuva que Zeus manda, nas águas profundas executamos coros festivos, com bailados ao som do ribombar das bolhas.
- 30 Rãs e Dioniso (o deus finalmente acerta o ritmo com o das rãs e começa a remar com normalidade) – *Brekekekex, coax, coax!*
Dioniso – Tomem lá, que esta já eu vos fanei!
Rãs – Essa é forte demais!
Dioniso – E muito mais forte será se eu, com esta remação toda, ainda mandar um estoiro.
- 35 Rãs (assustadas com a ameaça) e Dioniso (desafiador) – *Brekekekex, coax, coax!*
Dioniso – Gritem à vontade, que eu fico-me nas tintas!

Rãs – Ai ele é isso! Pois então vamos coaxar com toda a força de que as nossas goelas forem capazes, e durante o dia inteiro.

Rãs e Dioniso (à força de gritar, o deus já praticamente domina o coro de Rãs) –

40 *Brekekekex, coax, coax!*

Dioniso – Nesta é que vocês não me ganham!

Rãs (a meio gás) – Nem tu a nós, não penses!

Dioniso (cada vez com mais força) – Nem vocês a mim! Isso nunca! Vou coaxar, se necessário for, também o dia inteiro, até arrasar com esse vosso *coax. Brekekekex, coax,*

45 *coax!* (As rãs, vencidas, silenciam-se.) Ora aí está! Eu não disse que, mais cedo ou mais tarde, havia de acabar com o vosso *coax?*

Aristófanes, *Rãs*, vv. 202-267

tradução do grego, introdução e notas de Maria de Fátima Silva, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra / São Paulo, Annablume editora, 2014
(texto com supressões)

Para responder a cada um dos itens de **1** a **8**, selecione a opção correta, de acordo com o sentido do texto.

Escreva, na folha de respostas, o número de cada item e a letra que identifica a opção correta.

1. Partindo da leitura deste texto, a resposta de Mónica à pergunta inicial de *Fräulein Rottenberg* deveria ter sido:

- a. “*Brekekekex, coax, coax*” é uma expressão para exortar a remar.
- b. “*Brekekekex, coax, coax*” é uma expressão que imita o som das rãs.
- c. “*Brekekekex, coax, coax*” é um canto fúnebre, próprio dos infernos.
- d. “*Brekekekex, coax, coax*” é uma lengalenga para entreter Dioniso.

2. Os sintomas físicos do desconforto de Dioniso advêm:

- a. da excessiva força com que fincou os pés na barca.
- b. do ensurdecedor canto das rãs-cisnes.
- c. da tarefa inerente à atividade do remo.
- d. de ser excessivamente pesado.

3. “As rãs, vencidas, silenciam-se” (linha 45) porque:

- a. Dioniso, desafiador, as ameaçou com os remos.
- b. à força de tanto coaxar, as suas goelas perderam o vigor.
- c. deixaram de sentir a estima das Musas e de Apolo.
- d. não conseguiram levar a melhor sobre a perseverança de Dioniso.

4. No percurso de Dioniso, são recorrentes as sensações auditivas. Das quatro sequências de palavras apresentadas, a única em que apenas figuram vocábulos de origem onomatopaica é:

- a. coaxar; ribombar.
- b. gemer; coaxar.
- c. coxo; estoiro.
- d. borbulhar; ribombar.

5. O adjetivo que significa “relativo a rãs” é:

- a. ranicultor.
- b. ranídeo.
- c. ranívoro.
- d. ranário.

6. A forma verbal “entoemos” (linha 11), apresenta a ação como:

- a. uma realidade.
- b. um desejo.
- c. uma exortação.
- d. uma dúvida.

7. Na linha 13, “o povo” desempenha a função sintática de:

- a. sujeito.
- b. modificador apositivo do nome.
- c. complemento direto.
- d. predicativo do complemento direto.

8. Na linha 32, “que esta já eu vos fanei” é uma oração subordinada:

- a. adjetiva relativa explicativa.
- b. adjetiva relativa restritiva.
- c. adverbial causal.
- d. substantiva completiva.

Fim da prova

Cotações

Grupo I

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos
6.	8 pontos
7.	8 pontos
8.	8 pontos
9.	8 pontos
10.	8 pontos
11.	8 pontos
12.	8 pontos
13.	8 pontos
14.	8 pontos
15.	8 pontos
16.	8 pontos
17.	8 pontos

136 pontos

Grupo II

1.	8 pontos
2.	8 pontos
3.	8 pontos
4.	8 pontos
5.	8 pontos
6.	8 pontos
7.	8 pontos
8.	8 pontos

64 pontos

Total 200 pontos